

**AVENTURA AMBÍGUA, RASURAS CONTEMPORÂNEAS DA SAGA
GRIÔ, REFLEXÕES AUTOBIOGRÁFICAS E MEMORIALISTAS**

Rosane Cristina Prudente Rose Thioune¹

RESUMO: A reflexão sobre o romance “aventura ambígua” do *Cheik-Hamidou Kane* (Senegal, 1961) e a literatura oral que contextualiza o projeto pedagógico-cultural “*Kalama*, um griô africano em nossa escola” (Salvador/BA, 2004-2016), realizado pelo Griô senegalês *Doudou Rose Thioune* é o objetivo do estudo sobre a conexão memorialista destas obras, das fronteiras entre a ficção e a literatura oral que resultam em uma estratégia pedagógica multidisciplinar quanto a discussão de cultura e identidade. O que sob a percepção do materialismo histórico as reiteram como expressões dos fatores sociais a que estão inseridos, uma bipolaridade do sujeito e do objeto na construção de saberes que circulam os paradigmas que encorajam os alunos de ensino básico à construírem e recontarem as suas próprias histórias.

PALAVRAS-CHAVE: AVENTURA AMBIGUA; GRIÔ; SENEGAL; KALAMA; MEMORIALISMO.

INTRODUÇÃO

O Império Wolof² foi um reinado que dominou toda a África do Oeste por milênios. O Neo-colonialismo desintegrou-o e anexou o mínimo de seu território a outras etnias na região que foi denominada Senegal. A Companhia das Índias fez do Senegal um dos centros de armazenamento dos africanos sequestrados de múltiplos impérios para o abastecimento do tráfico negreiro nas Américas.

O tráfico transatlântico transplantou entre quatro e cinco milhões de africanos oriundos principalmente dos países que vão do Senegal à Nigéria (CASTRO, 2009, p. 6) para a Brasil. Partindo da “porta do sem retorno” na Ilha de Gorée, entre os séculos XVI e XIX, dentre os que aportaram na Bahia os Griôs Wolof (MATTOSO, 2001, p.24) agregaram à sua contribuição linguística o legado das artes, saberes que

¹ Mestranda do Programa de Pós Graduação Cultura e Sociedade – UFBA. Graduada em Licenciatura e Habilitação da Língua Portuguesa e Literaturas pela Universidade Estadual da Bahia – UNEB e membro do Núcleo de Estudos Lexicais – NEL - Ppgel – UNEB/ Cnpq. E-mail: dare.rose@gmail.com

² Wolof Império africano que durou até 1890 e que hoje denomina os hábitos socioculturais. Divide com o francês o título de língua oficial do Senegal, superando-a pois é mais falada socialmente.

trouxeram no seu imaginário para o adequaram e ou o recontarem na nova realidade sociocultural.

Após percorrer a África, Europa e Oriente, pressupondo a diáspora soteropolitana como um dos eixos de propagação da cultura Wolof nas Américas, a ação cultural **“A Palavra do Tambor”³** aporta em Salvador. Uma de suas ações pedagógicas - **“Kalama”⁴**, um griô africano em nossa escola” é aplicado nas escolas de ensino básico e utiliza a literatura oral como tessitura de conexão entre a música, teatro, dança, bases do seu diálogo para a construção do letramento pedagógico e literário.

“Aventura ambígua” é um dos romances de fundação da literatura senegalesa em língua francesa, um clássico da literatura africana que como porta-voz dessa consciência literária tem na biografia e no memorialismo a referência para um discurso marcado entre a fusão da prosa romanesca com a lírica Griô. Funciona como um dos textos de referência para a discussão sobre alteridade e diversidade identitária, da formação dos saberes e do fazer artístico entre a cultura ocidental e as culturas oriundas da “Senegâmbia”, colaborando com a afirmação crítica à construção da nação senegalesa perante o limite ambíguo de superação das tentativas de globalização cultural pós-colonial.

O racismo, uma de nossas heranças coloniais, continua presente em nossas relações socioeconômicas, e a Escola – tradicional celeiro de sua reprodução - coube a propagação de ações afirmativas que diminuam os traços distintivos e restritivos de nossa mobilidade social e da fragmentação da identidade negra. Pressionados pelo movimento organizado o Brasil delega a Lei 10639/03 a incumbência de incluir nos currículos escolares a memória da contribuição civilizatória dos africanos no Brasil e a veracidade de sua história e cultura em seu próprio continente, um respaldo legal para ações que considerem as africanias e consideram o reverso da estigmatização e apagamento das identidades negras.

O reconhecimento da essência negra na formação de nossa nacionalidade é um cenário que contextualiza principalmente os professores de língua portuguesa, literatura,

³ “A Palavra do Tambor” – ação cultural e pedagógica que propaga a conexão do tambor com o contexto linguístico e sócio cultural.

⁴ Kalama – Termo Wolof que metaforiza que o tambor tem palavra. Língua ancestral que os velhos Griôs Wolof usam para encantar tambores.

artes e história, diretamente centrados nos conteúdos destas leis. A verossimilhança dos contextos de pertencimento entre o ficcional e as representações do contexto sociocultural identitário do povo senegalês e do soteropolitano são fronteiras imbricadas na cultura, história e literatura com as simbologias e representações identitárias destes povos, marcas que o *Kalama* encena em conexões que transbordam a ferramenta pedagógica para uma ação crítica de ações culturais.

A LITERATURA NA CONSTRUÇÃO DO ESTADO DO SENEGAL

A queda do “colonialismo literário” foi a grande batalha vencida com honras pelos escritores africanos, a partir da segunda metade do século XX. Dentre os precursores que alicerçaram esta vitória está o senegalês Cheik-Hamidou Kane, com a publicação de *Aventura Ambígua*, em 1961. Obra inserida no cânone literário mundial pela ousadia de denunciar o que o colonialismo atacava com outras armas, a tentativa de fragmentação das milenares organizações comunitárias de transmissão do saber, impingindo um assimilacionismo aos africanos com as suas “escolas evangelizadoras”. Este precedente reverbera um movimento de:

[...] desconstrução da representação ocidental do mundo não ocidental, depois da obra de Frantz Fanon, Amílcar Cabral, C. L. R. James, Walter Rodney, depois dos romances e peças de Chinua Achebe, Ngugi wa Thiong'o, Wole Soyinka, Salman Rushdie, Gabriel García Márquez, e muitos outros (SAID, 2011, p.18).

A distinção entre as outras colonizações europeias e a francesa é que essa, além da preocupação com a rentabilidade econômica da França Ultramarina, tinha a prioridade de propagar a sua “vocation supérieure” com a sua tática de assimilacionismo e da “parceria hierárquica” (MAUNIER, René, *Sociology of colonies*, apud SAID, Edward W., 2011) em suas colônias. Cheik-Hamidou Kane participou ativamente do movimento da Negritude, uma irradiação estética que transpôs a francofonia e penetrou nas literaturas africanas anglófonas e lusófonas por sua crítica às distorções das representações sociais das etnias e suas respectivas essências.

As literaturas africanas foram forjadas em sua maioria expressiva nas lutas pelas independências nacionais, especialmente aquelas do século XX, registradas nas línguas dos colonizadores não esquecem a referencialidade linguística africana, suas literaturas

orais (contos, provérbios, adivinhas, poemas e cantos) e a sua função de marcar o seu patrimônio civilizatório, de reversão dos danos da ficcionalidade sem verossimilhança nas obras dos literatos ocidentais inspiradas em suas culturas. E no processo reverso introduziram no léxico das línguas europeias sentidos de sua contribuição civilizatória.

A biografia e o memorialismo funcionam, tanto na prosa quanto na lírica, como uma tentativa de apagamento da fragmentação comunitária que o colonialismo impingiu. O ponto de fusão desta literalidade é o combate ao colonialismo, o limite ambíguo da definição identitária que impingiu problemas socioculturais aos africanos.

A escrita é um laboratório no qual o autor pode estudar a si mesmo a seu bel prazer e tentar se compreender. É possível qualificar essa terceira tendência, após as do formalismo e do niilismo. [...] A falta de verossimilhança dessa teoria, de fato, a condena à marginalidade, mas isso não impede que ela se torne um programa de criação literária. Uma de suas variantes recentes é o que se chama de “auto-ficção”: O autor continua a dedicar-se à evocação de seus humores, mas, além disso, se liberta de todo constrangimento referencial. (TODOROV, 2009, p. 43.).

Diferentemente do movimento da Personalidade Africana que, pela prosa, pregava a discussão de todos os pontos dos africanos dominados pelos ingleses, os autores africanos de língua francesa liricamente irradiam a afirmação da valorização da beleza negra como uma ponte metafórica para outras discussões de valorização de suas identidades étnicas, nacionais e continental. Anticolonial, o campo literário fortaleceu-se a partir do momento em que se distanciou do viés realista e procurou expressar o “caos africano” por meio dos espelhos quebrados de uma narrativa fragmentada, carnavalesca e, sobretudo, metafórica das turbulências do cotidiano. Nesse sentido, essa produção está em consonância com as tendências que marcaram todo um movimento vanguardista nas artes plásticas e no chamado “romance moderno”. Pontos convergentes entre a Negritude (Francófona) e a Personalidade Africana (Anglófona).

Os escritores da geração de Kane buscavam uma resposta aos danos da “missão civilizadora”, da modernidade imposta, mas sedutora, que gerou identidades segmentadas ou, pelo menos, dilaceradas onde o negro só podia contribuir com a suposta irracionalidade das suas danças e ou o seu exotismo. Diferentemente dos estereótipos com que eram vistos por críticos eurocêntricos, esses novos escritores

procuravam um lugar para poder reconciliar aquilo que a história separou de forma dramática.

O advento da Negritude constituiu, portanto, apenas um momento na procura dessa síntese. A diferenciação na captura e legitimação das singularidades dos senegaleses tidos como nativos pelos franceses, estabelece uma oposição binária que contextualiza a essência do enredo de *Aventura Ambígua*, narrativa objeto de análise.

A literatura oral, reduto dos griôs, com sua lírica metaforizada dos provérbios, de estéticas e fonte da memória coletiva são a inspiração para os diálogos. Em seu último romance, “Os Guardiões do Templo” Cheikh Hamidou Kane assim definiu o papel do Griô, guardião das tradições orais nas sociedades senegambianas:

O silêncio é sua prova. Para exprimir a raça sem escrita, eles cavaram, e até pilaram o silêncio, que permaneceu intacto, prendendo-os nas muralhas de sua massa obscura. No silêncio cavaram grutas de ritmos, relâmpagos luminosos de guitarra, profundos vales de lendas. Durante milênios, antes que o fio da escrita internamente e por todos os lados costurasse o mundo negro a si mesmo, os Griôs, por meio da voz e dos instrumentos que imaginaram, foram os demiurgos que construíram esse mundo, e suas únicas testemunhas. Eles o exaltaram, encheram de dignidade, de peso, dizem, o elevaram acima de si, suspenso nos campos de batalha, preservado na glória e na tradição. (BARRY, Boubacar. *Senegâmbia: O Desafio da História Regional*, 2000, p. 5).

Segundo (DELGADO, 2006, p. 69) “a dinâmica constitutiva do processo individual mnemônico é trama sincrônica da existência social e da inserção coletiva passada, constituindo-se como representação da heterogeneidade tomando por base a singularidade”, uma alavanca que a partir da lembrança individual no molde de identidades que captura ações e pensamentos coletivos, abraça a sua relação sócio-histórica. A autobiografia e biografia são reconstruções escritas ou orais do passado vivido ou narrado pela interpretação ou auto-interpretação, sem margens fixas entre o real e o ficcional (ROCHA, 2014), o autor molda os vazios reconstitutivos com uma verossimilhança comprometida com a sua inspiração literária e assim como no memorialismo – a autobiografia preenche as lacunas textuais com a memória acessível, a cadeia de sentimentos ou pela memória afetiva, linha tênue entre o discurso histórico e ficcional, jogo duplo entre o discurso verídico e uma obra de arte, e que é caracterizada por Lejune como o discurso autobiográfico:

O poço é o compromisso de dizer a verdade. É um ato real, que implica a possibilidade de verificação, e que compromete de fato, socialmente e juridicamente, podendo, às vezes, até chegar ao tribunal. A esse aspecto referencial que o opõe à ficção, acrescenta-se um aspecto relacional, que o distingue do discurso histórico: o autobiógrafo coloca seu leitor em perigo[...] O leitor é forçado a pensar em sua vida em termos análogos mesmo se não tiver vontade de fazê-lo. (NORONHA, 2000, p.23)

O autobiografado estabelece o pacto autobiográfico de forma inquestionável. Essas começam com os aspectos externos ao texto – o nome do autor é o mesmo da personagem protagonista, Cheikh Kane é chamado de Samba, (nome dado ao segundo filho) na intimidade familiar e o protagonista tem o nome muçulmano de Cheikh Hamidou. Assim como a personagem, o autor foi educado, na infância, pela escola corânica e após deixa o Senegal para estudar na Europa a graduação em Direito e Filosofia na Sorbonne.

Segundo Roland Barthes (ROCHA, 2014), os traços biografêmicos são pontes metafóricas entre a realidade e a ficção. A filosofia diplomática de domínio e trânsito entre as culturas é a marca da personalidade do retrato e do retratado. [...] - Da minha parte, se fosse eu o responsável pela administração do meu país, só admitiria seus médicos e seus engenheiros com muita restrição, e não sei se, a um primeiro encontro eu não teria lutado contra eles [...]. (Ibid., p.94).

A temática desta obra dialoga por exemplo com a de *Bacari Diallo em Force Bonté; Les Boots de bois de Dieu de Sembène Ousmane; Les Soleils des indépendances* de Ahmadou Kourouma. Uma demonstração de que a obra é uma referência aos que refletem sobre os assombros do colonialismo e imperialismo em suas culturas, com a motivação universal dos conflitos que marcam as sociedades da modernidade e contemporaneidade: a identidade e alteridade socioeconômica cultural.

AVENTURA AMBIGUA

O ponto forte da construção ficcional dessa obra é a individualidade do autobiógrafo colada no enredo, a clareza com que Kane coloca os valores em confronto: a velha escola com base no Alcorão, contra a nova escola francesa baseada na ciência; ou do herói, o Mestre (Griô), contra um racionalista francês e o próprio herói contra um louco que rejeita a cultura ocidental. O tenro aprendiz das tradições orais e do Galam.

“Naquele dia, Thierno mais uma vez o espancou, mas samba Diallo sabia o versículo simplesmente a língua o traíra [...]”. (KANE, 2000, p.1). A autobiografia singulariza a busca pela identidade das nações periféricas.

A ambiguidade proposta pelo descolonialismo: a construção de uma identidade senegalesa ou a tentativa de acesso aos valores franceses é a dualidade encenada na trajetória da personagem protagonista – o passado (Escola Corânica, a infância e o nativismo) versus o futuro (Escola ocidentalizada, o futuro e a modernidade) são estruturados na divisão, da *Aventura Ambígua*, em duas partes da narrativa em 3º. e 1ª pessoa. A 1ª.parte, com 9 capítulos, relata a infância do protagonista (a vida comunitária, a educação corânica e o início do letramento alfa latino na escola francesa). A 2ª parte, com 10 capítulos, aponta a sua fase adulta na Europa, os seus estudos de Filosofia em Paris, na Sorbonne. Tematizando o assimilacionismo e a loucura, o conflito do romance estrutura-se com base no confronto entre a educação tradicional e a sedução da modernidade europeia.

O texto autobiográfico utiliza a narrativa e o memorialismo como âncoras para a formação do senso crítico dos sujeitos, cria vínculos valorosos com seu espaço, sua família e todas as pessoas pertencentes a essa territorialidade - “[...] O instante é o leito do meu pensamento. p. 139 [...] A limpidez de tua onda é a espera do meu olhar [...].” p.140. Fidedigno ao pacto autobiográfico, “quem sou eu, como me tornei o que sou?” a voz narrativa se apresenta para atestar a verossimilhança da trajetória do eu que se encena na trama.

Considerada a porta voz da consciência africana, “*Aventura Ambígua*” é referenciada como uma “Bíblia” da África de língua francesa e consta da ementa de diversas disciplinas no programa acadêmico, em vários países da África Ocidental. Premiado, 1962, com o prêmio Grand Prix Littéraire d'Afrique Noire, a obra retrata a tentativa francesa de dominação e apagamento identitário pela educação tradicional, dos evangelizadores europeus durante o período da descolonização.

O “eu” que se revela no texto, embora a obra seja publicada na “categoria romance”, coincide com o nome do autor que figura na capa do livro, o que atesta, segundo Philippe Lejeune, o traço da escrita regida pelo “pacto autobiográfico” (ROCHA: 2014). O narrador registra o conflito experimentado por um jovem entre a fé

islâmica tradicional e a cultura ocidental, desqualificação da transmissão de saberes transmitida pelos Griôs perante a evangelização e a academia; a loucura dos heróis de guerra senegaleses que lutaram na Segunda Guerra Mundial e foram abandonados pelos franceses após a vitória dos aliados. Os fatos relatados pela voz narrativa coincidem com muitos aspectos da vida civil de Kane. A memória histórica do próprio país e do continente são o tema da ficcionalização. O autor, como um dos fundadores do Estado nacional senegalês e da libertação colonial africana, engajou a sua trajetória pessoal para a iconização do africano moderno “[...] Vocês, os novos negros, são uns degenerados – disse ela em tom agressivo. – Não sabem mais comer, não sabem mais dar atenção às mulheres. Sua vida é gasta em debates intermináveis e furiosos [...]” p. 122 / “[...] O instante é o leito do meu pensamento. p. 139 [...] A limpidez de tua onda é a espera do meu olhar. (Ibid., p.140). Os confrontos com a cultura europeia e a tentativa de manter as tradições de sua cultura. [...] A escola estrangeira é a nova forma de guerra que eles movem contra nós, e é preciso enviar nossa elite contra eles, esperando assim incitar todo o país. É importante que mais vez a elite vá em frente [...] (Ibid., p.36). O protagonista personifica os biografemas (a origem nobre e a liderança religiosa na verossimilhança do texto biográfico) com lacunas nas máscaras de personagens fictícios.

O fim trágico da obra, na vida real, é representado pelo momento em que o autor não consegue retornar à sua comunidade e enfrenta os desafios do trânsito prioritário pelo mundo ocidentalizado. A morte de Samba Diallo pelo Louco, a personagem do veterano de guerra, é correlacionado simbolicamente, pelo biografado, como um desafio entre o seu afastamento compulsório da reconstrução do país e a sua entrada permissiva no modo de vida alheio as suas origens.

“KALAMA, UM GRIÔ AFRICANO EM NOSSA ESCOLA”

*Kalama*⁵ é um projeto pedagógico que tem as vertentes “Um Griô Africano Visitando Nossa Escola”, “A Palavra do Tambor” e “*Baobá*, Cultura e Músicas

⁵ *Kalama* – significa “A PALAVRA DO TAMBOR” - Durante o Império Wolof designava uma variação da língua Wolof, com termos reservado aos usos dos anciões. Após a independência do país em 1960 o Wolof torna-se uma das línguas maternas e nacional, o que perante a

Tradicionais Senegalesas”. Linguagens, imagens e representações da tradição Griô são o fio condutor da significação destas metáforas que espelham a realidade invertida e ambígua do processo de cidadania das identidades negras na diáspora.

Criado como uma ação pedagógica ampliada, *Kalama* sugere perpassar tanto a alunos como para educadores a prática milenar da oralidade africana quanto a educação e transmissão das artes. Histórias e estórias das culturas senegalesas são praticadas no recorte de múltiplas linguagens: dança, desenho, literatura oral e música, que dialogam com as das culturas brasileiras. Idealizado por *Doudou Rose Thioune* e Dare Rose, é realizado na Bahia desde 2004.

No dia 17 de agosto de 2009 tivemos um grande evento no ACRA, a visita do *Griot Doudou Rose Thioune*, dentro do Projeto "KALAMA, um griot africano visitando as escolas", de sua autoria. Neste projeto, há uma preocupação com a preservação e valorização da figura do griot, pois este carrega em sua concepção de vida, a riqueza das histórias que foram preservadas de geração em geração pelos povos africanos que estão cheias de musicalidade, tradição, poesia e ludicidade. A oficina de contação de história se faz importante uma vez que estão abrindo novos horizontes pedagógicos que legitimam perspectivas por meio da tradição oral, também os vínculos de sociabilidade relevantes para o fortalecimento da identidade cultural das crianças, dos jovens e adultos que nasceram e vivem intensamente Itapuã. (ACRA:2009).

Decorrente dos avanços propostos pelas “Diretrizes Curriculares para a Inclusão da História e Cultura Afro-Brasileira e Africana no Sistema Municipal de Ensino de Salvador (SMED:2005), a partir de maio de 2008, o “*Kalama*, Um Griô Africano Em Nossa Escola” começa à ser realizado institucionalmente na Secretaria Municipal de Educação e Cultura de Salvador, durante esta trajetória percorreu diversas Escolas do Cabula, Cajazeiras, Centro, Subúrbio e participou do Grupo de Trabalho – GT – da lei 10639/03 realizando a formação de professores e aulas visitantes em numerosas escolas. Atualmente realiza aulas de percussão *Wolof* na Escola Municipal Eugênia Anna dos Santos e de cultura e música senegalesa na Escola Municipal 22 de Abril.

diversidade linguística senegalesa e do intenso contato linguístico que ocorre em Dakar está em extinção, tornando-se popularmente sinônimo de boas palavras propagadas pelo Griô com seu tambor.

O projeto pedagógico utiliza a metodologia da “Pedagogia Griô *Wolof* da família Rose Thioune”⁶ e o sociocontrutivismo com conteúdos que triangulam o estudo da formação, imagens e representações *Wolof*⁷ nos aspectos socioculturais e históricos das linguagens musicais e coreográficas no Estado do Senegal, suas ressonâncias e alteridades na diáspora soteropolitana. O memorialismo, mitos e símbolos da construção do imaginário nacional, as famílias rítmicas do *sabar*⁸, sua função de comunicabilidade, interação e compartilhamento identitário.

A ludicidade de jogos e brincadeiras senegalesas que aqui foram reinventadas e ou recontextualizadas⁹. O Griô como historiador e artista prescinde do aluno que como um discípulo garantirá a continuidade do conhecimento *Wolof* e o contextualizará identitariamente com seus outros saberes. O *Kalama* utiliza a comunicação horizontal (oralidade) e a comunicação vertical¹⁰, o discurso não verbal pontuado na antologia do vazio, silêncio tão importante quanto a mensagem veiculada como estratégia metodológica. “*Dans un travail que nous sommes en train de développer nous irons souligner l’anti-communication et aussi, la non-communication comme éléments intégrants du processus informatif*” (BARRACO; SANTOS: 1978, p.64).

Os elementos contextuais das múltiplas linguagens – simbólico, rítmico e musical, gestual e plástico, ritualístico, poético e imagético, tradicionalmente ferramentas exploradas pelos Griôs são a inspiração para a interlocução de sua ação pedagógica *Kalama*. Um leque de possibilidades para o municiamento aos alunos para a criticidade de africanias.

⁶ Pedagogia Griô *Wolof* da família Rose Thioune” – Estratégia familiar/étnica para a transmissão dos conhecimentos artísticos. Descendentes da realeza *Wolof*, de Griô e de *Sensen* (ancestral místico *Wolof*) fundaram a principal vertente artística do corpo do Ballet Du Senegal. O líder Doudou Rose Thioune, é laureado em seu país pelo domínio de múltiplas linguagens artísticas.

⁷ Representações *Wolof* – forma como o povo *Wolof* concebe o mundo e as relações humanas.

⁸ *Sabar* – família de tambores que caracterizam a etnia *Wolof* e os Griôs.

⁹ Brincadeiras reinventadas – Por exemplo a “Cabra Cega” – brincadeira que no Senegal só é usada para instigar um sono tranquilo nas crianças.

¹⁰ Comunicação vertical - múltiplos manuseios de formas e conteúdos.

O GRIÔ

O papel ambíguo de rasgar as fissuras do esquecimento preenchendo-as com as glórias da tradição, na verticalizada sociedade *Wolof* tem na organização da origem familiar dos Griôs uma construção integrada das artes que espelham uma identidade imune ao nativismo proposto pela “parceria hierárquica” francófona. (MAUNIER, apud SAID, 2011). Outros povos da África do Oeste o designam de maneira diferente, no Senegal local de origem dos Griôs, Léopold Sédar Senghor ¹¹ oficializou-os como os legítimos historiadores e artistas do país, um reconhecimento de um status que provém da sua sabedoria quanto a encenação misteriosa da alegria que percorre a vida e a morte, do protagonismo narrativo da história, estória e das representações simbólicas da comunidade e do país.

Com a exclusividade da legitimidade da criação das práticas artísticas e literárias orais os Griôs são responsáveis por transmitir e evitar a fragmentação da memória social, dos valores do passado, de escrever as suas marcas no presente e de projetá-las fidedignamente no futuro. Fio condutor da reconstrução da identidade das culturas que tentam a sua sobrevivência perante a unificação imposta pelo Estado Nacional ainda marcado pelo colonialismo europeu, os Griôs resistiram a espoliação material e imaterial que o continente sofreu, eles mantiveram vivos os valores socioculturais na África do Oeste, motivo que os colocam como inspiração criativa de diversos artistas formados nas academias europeias.

Preenchendo esta lacuna, antes mesmo de Doudou aterrissar na Bahia várias de suas músicas já estavam no repertório sacro baiano e suas convenções e ritmos nas atuações de múltiplos percussionistas baianos, que tiveram acesso a sua obra no exterior. A particularidade de suas ações culturais e pedagógicas está no transbordamento das fronteiras da música que escorrem na sugestão de pistas do preenchimento das lacunas da construção da cultura identitária negra brasileira.

Descendente de Reis e Griôs, o senegalês, nascido em Dakar, é afilhado de Doudou N` Rose. Filho de Cathy Sene, a dançarina nomeada por Léopold Sedar

¹¹Léopold Sédar Senghor - poeta, político, laureado por numerosas instituições brasileiras. Fundou o Festival Mundial de artes Negras, que ocorreu em Dakar em 1966 e o Ballet do Senegal. Foi o primeiro africano diplomado na Universidade Sorbonne. Como primeiro presidente do país destinou 25% do orçamento nacional para a Educação.

Senghor como prima donna imortal da dança senegalesa e Mame Less Thioune o Griô multi-instrumentista, durante seus 47 anos de carreira, rodou o mundo em Companhias de teatro, dança e música. Na Bahia desde 2004 está criando e reinventando, contando e tocando suas histórias no fluxo das conexões culturais da “terceira diáspora” (GUERREIRO, 2005, p.10). Lastro para o preenchimento da ausência de sujeitos das culturas africanas nas múltiplas ações de implementação da lei 10639/2003 e 11.769/2008¹², que ocorrem no Brasil Doudou personifica a interpretação e a contextualização das conexões e das linguagens Wolof e estéticas senegalesas que sobrevivem na diáspora baiana

[...] a vivência, enquanto algo determinado, não é vivenciada por aquele que a vive, ela é orientada para o sentido, para o objeto, e não para si mesma, ela não tende a determinar-se e a instaurar sua presença total na alma [...]”A vivência é uma relação com o sentido e com o objeto e não existe fora dessa relação. (BAKHTIN, 1997, p. 128-129).

Através das suas ações *KALAMA*, *A PALAVRA DO TAMBOR*, e *BAOBÁ* pontua a percussão com a contação de histórias e histórias em diversas ações pela Bahia reintroduzindo o saber dizer e ouvir, a conversa dos tambores. Recriando com uma nova dimensão a conexão com a África mítica e contemporânea. Motivação para uma homenagem no carnaval soteropolitano, 2011, em todos os circuitos da folia, por sua saga de firmar a cultura *Wolof*, pela propagação dos tambores da África do Oeste Francesa na musicalidade baiana no século XXI.

RASURAS CONTEMPORÂNEAS DA SAGA GRIÔ

O Brasil tem um hibridismo cultural ambíguo, enquanto lapida as suas influências eurocêntricas dialeticamente etiqueta as suas influências culturais africanas como folclóricas ou de cultura negra. Essa tonalização da cultura aponta o seu sentido periférico marginal e desvalorizado em um aspecto polêmico do hibridismo cultural nas culturas pós-modernas, rasuras contemporâneas das discussões étnicas no mundo no qual a saga Griô, (HALL:2011, p.91) semeiam o lastro das ambiguidades em seus sujeitos, determinando uma hierarquização quanto aos meios de construção e

¹² 11.769/2008 – lei que regulamenta o ensino da música no ensino básico.

legitimação de uma série de narrativas identitárias propícias a uma série de enunciados étnicos perpassados por múltiplas óticas do discurso comunitário no qual a historiografia (dileitante ou acadêmica) é midiaticizada (SILVA, 2011 p.102) com um sujeito negro narrado no seu silenciamento.

Imageticamente a imagem do negro é firmado na concretude do olhar do outro, dos que querem visibilizá-lo ou inviabilizá-lo na realidade de sua comunidade ou na linha produtiva, nesta perspectiva, os soteropolitanos estão em um “território africano¹³”, conflito muito bem explorado pela indústria cultural que *a priori* é diluído com as tentativas da implementação de ações afirmativas que insiram o protagonismo do negro na rentabilidade dos produtos culturais que advêm de suas marcas étnicas. As discussões sobre o sujeito negro no eixo das práticas pedagógicas exige uma interatividade com a realidade africana, pede que descolemos a imagem estereotipada da ótica quinhentista para ao compartilhamento com o africano contemporâneo. A diáspora africana, no século XXI, em um país que afirma que está eliminando o racismo e as desigualdades, tem o compromisso ético com a formação do reconhecimento das estéticas e do fazer artístico destonalizado mas contextualizado etnicamente agregando informações sobre a história e memória da África sob a ótica dos africanos, assim como respeitar o papel do seu patrimônio simbólico civilizatório nas sociedades americanas. No caso brasileiro, será preciso reconhecer o quanto estes legados africanos estão integrados no nosso cotidiano e contribuem decisivamente para que sejamos quem somos, participantes de uma sociedade multirracial e multiétnica que é reconhecida culturalmente por símbolos negros, mas que desqualifica o cidadão negro.

Projetos da natureza do “*Kalama*” resgatam a nossa história, consolida as nossas semelhanças e diferenças, estimula o conhecimento das culturas da África e brasileiras e eleva a autoestima do nosso povo, acabando com a diluição identitária da teoria da mestiçagem¹⁴. Constroem nos alunos um senso crítico para a convivência com a alteridade e aceitação as diversidades.

¹³ Território africano – Introdução da música “Raiz de todo bem”, executada durante o carnaval 2014.

¹⁴ Teoria da mestiçagem – concepção controversa que pós a Era Vargas foi colocada como um discurso de grande representatividade nacional para o mito da democracia racial no país.

Enfim a verossimilhança entre as trajetórias das personagens protagonistas: do autor/narrador de “Aventura Ambigua”, e de *Doudou Rose Thioune* o protagonista do *Kalama* através da bipolaridade do sujeito e do objeto discutem os paradigmas que circulam a transmissão de saberes pedagógicos em uma nova estratégia de dominação europeia, uma tensão interativa presente no contexto senegalês e soteropolitano nas quais a literatura oral revisa verdades não escritas. As comparações de fatos datados em séculos diferentes nos demonstram que a revisão da memória coletiva via a autobiografia e memorialismo atualizam as reivindicações e municiam as artes no seu diálogo com a construção sociocultural das comunidades negras, paralelos que possibilitam outras narrativas históricas e estéticas colocando em cena vozes até então silenciadas.

REFERÊNCIAS

- ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas: reflexiones sobre el origen y la difusión del nacionalismo**. Cidade do México: Fondo de Cultura Económica, 1993.
- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BARRACO, Helda Bullota; SANTOS, Yolanda Lhullier. **Utopia, mito e comunicação contribuições para a simbologia africana**. São Paulo: EBRAESP, 1978.
- BARRY, Boubacar. **Senegâmbia: O Desafio da História Regional**. Amsterdam, Rio de Janeiro: , 2000: Centro de Estudos Afro-Asiáticos, Universidade Candido Mendes.
- BOSI, Ecléa. **Memória & sociedade: lembrança de velhos**. São Paulo: EDUSP, 2003.
- CASTRO, Yeda Pessoa de. **Falares africanos na Bahia: um vocabulário afro-brasileiro**. 2.ed. Rio de Janeiro: ABL Topbooks , 2009.
- CORREIA, Rosângela. **Awon Ade**. Revista África e Africanidades - Ano 3 - n. 9, maio, 2010 . p. 17. Disponível em <http://www.africaeaficanidades.com> . Acessado em 10.12.14.
- DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. **História oral, memória, tempo e identidades**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.
- GILROY, Paul. **O Atlântico Negro. Modernidade e dupla consciência**. São Paulo, Rio de Janeiro, 34/Universidade Cândido Mendes – C EAA, 2001.

- GUERREIRO, Goli. **A rede atlântica como espaço de produção cultural**. Salvador, Anais do ENECULT, 2005
- HALL, STUART. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomás da Silva, Guaracira Louro. 6. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- HOISEL, Evelina. **Grande sertão: veredas, uma escritura biográfica**. Salvador: ALB, 2006.
- KANE, Cheikh Hamidou. **Aventura ambígua**. Trad. de Wamberto Hudson Ferreira. São Paulo: Ática, 1984.
- KRISTEVA, Júlia. **Introdução à Seminálise**. São Paulo: Debates, 1969.
- MATTOSO, Kátia. **Ser escravo no Brasil**. 2ª. Ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 2001.
- MORICHÉRE. **Philosophes & philosophic**. Paris: Mathan, 1992.
- NORONHA, Jovita Maria Gerheim. **Entrevista com Philippe Lejeune**. Revista de Estudos Literários v.6. n. 2. Juiz de Fora: 2000 p.21-30.
- REIS, João José. **O sonho da Bahia muçulmana**. Disponível em <http://www.revistadehistoria.com.br/secao/dossie-imigracao-italiana/o-sonho-da-bahia-muculmana>. Acessado em 20.05.2014
- ROCHA, Iraci. **Anotações de aula da disciplina Literatura e Biografia**. 2014.1 Uneb
- SAID, Edward. **Cultura e imperialismo**. Trad. Denise Bottamann. São Paulo: Cia das Letras, 2011.
- SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO. **Diretrizes curriculares para a inclusão da História e cultura afro-brasileira**. Salvador: SMED/CEAFRO, 2005.
- TODOROV, Tzvetan.. **A literatura em perigo**. Trad. Caio Meira Rio de Janeiro: Difel, 2009.
- TOUADI, Jean-léonard. **Léopold Sédar Senghor – O orgulho de ser negro**. Disponível em: <http://www.alem-mar.org/cgi-bin/quickregister/scripts/redirect.cgi?redirect=EEFlAyulZVmcWTHUyc>. Acessado em 22.05.2014.